

## **Formação do estudante em jornalismo cultural: trabalhos experimentais e sensibilização estética do jovem universitário baseados na reflexão sobre imagem, novas tecnologias e novas linguagens – um laboratório de idéias**

**Adriana Pessatte Azzolino\***

### **Resumo**

Este artigo trata do relato de uma proposta didático-pedagógica, elaborada ao longo de quatro anos na disciplina Estética e Cultura de Massa, de um curso de graduação em Comunicação Social, no interior do estado de São Paulo. O objetivo desta proposta é aproximar futuros profissionais, da área da publicidade e do jornalismo, da Teoria Geral das Artes, da semântica das obras, da configuração plástica de seu sentido e das diferentes abordagens poéticas, por acreditar que a produção e recepção de sentido concebem-se a partir de experimentações plásticas, do contato com diversas matérias-primas e diferentes ambientes e suportes que expressam múltiplas linguagens. Daí o seu nexus com o processo de comunicação.

**Palavras-chave:** sensibilização estética; experimentação; expressão plástica; transdisciplinaridade; novas tecnologias e novas linguagens.

### **Apresentação**

Quando se opta por ensinar jovens, torna-se relevante questionar sobre a medida e a profundidade suficientes de informações a lhes proporcionar para que sejam, de fato, educados e, por conseguinte, aprimorem seus níveis de compreensão adequadamente para o desempenho das atividades profissionais e, ainda, comuniquem suas idéias de maneira eficiente para a comunidade em que vivem.

Este trabalho, portanto, tem como proposta aproximar os alunos da teoria geral das artes, da semântica de obras, da configuração plástica de seu sentido e das abordagens poéticas a fim de que possam compreender as estratégias do apelo e das condições pragmáticas, estéticas e midiológicas da produção e da recepção de sentido, com ênfase no século XX e XXI, e com base em experimentações com diferentes linguagens e instrumentos de produção. Esse trabalho insiste, ainda, em despertar a sensibilidade e o sentido da observação de alunos de comunicação social, das habilitações em publicidade e propaganda e jornalismo, para as diversas formas de manifestação e produção cultural do homem como gestor de signos ao longo da sua história. Afinal, defendo que a produção e recepção de sentido concebem-se a com base em

experimentações plásticas e no contato com diversas matérias-primas ou diferentes suportes que expressam múltiplas linguagens. Daí o seu nexus com o processo de comunicação.

Acredito, ainda, que programas de ensino que incentivam os experimentos com imagem (arte e visualidades) e tecnologia (novas tecnologias de informação e comunicação) permitem romper com a idéia de que o conhecimento pertence àquele que tem acesso a uma quantidade de informação e que faz disso uma espécie de segredo da caixa-preta. Assim, proponho que tais projetos se alinhem a uma proposta transdisciplinar, afinal, ensinar, segundo Theophilo, propõe transcender o universo fechado da ciência e trazer à tona a multiplicidade fantástica dos modos de conhecimento, assim como o reconhecimento da multiplicidade de indivíduos produtores de todos esses novos e velhos modos de conhecimento. A partir de então, surge a necessidade de reafirmar o valor de cada sujeito como portador e produtor legítimo de conhecimento. Sendo assim, a transdisciplinaridade chama a atenção para a potencialização de tendências heterogêneas, seja no campo das subjetividades, ou no da produção de conhecimento, abrindo áreas de tensão com as tendências homogeneizantes (2004).

Com isso, o ensino mostra-se capaz de vislumbrar, em certa medida, a construção de um indivíduo pleno de cidadania, protagonista na construção da sociedade em que vive, autônomo e aberto nas suas idéias e opiniões, que age e interage no seu entorno, possuindo domínio pleno das múltiplas e diferentes formas e instrumentos de expressão que hoje existem. E, como em qualquer outro espaço, o ambiente do ensino e da aprendizagem, portanto, a escola e, mais especificamente, as ações em sala de aula, deve fornecer subsídios para que a realidade social dos atores envolvidos seja compreendida e retorne como elemento coadjuvante de uma ação política e transformadora. O sociólogo e educador Edgar Morin, baseado em Thomas Kuhn, autor de *A Estrutura das Revoluções Científicas*, afirma que "O desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação dos conhecimentos, mas por transformação dos princípios que organizam o conhecimento". Esse é um dos princípios básicos da transdisciplinaridade e penso que poderia ser acrescentado aos projetos pedagógicos de todas as escolas.

### **1. Transdisciplinaridade: arte, tecnologia e educação na formação profissional**

O ensino, como uma proposição transdisciplinar, já foi proposto por Jean Piaget nos anos 1970. Daí, então, a discussão foi aberta e, atualmente, Edgar Morin e outros seguidores fizeram dessa idéia inicial a pedra fundamental de uma nova visão de mundo. A linha condutora de projetos de ensino deve, a princípio, romper com o espaço. Para isso, há uma disposição em ressignificar a noção de espaço, ou seja, é possível o acesso ao conhecimento por canais disponíveis em nível planetário, conforme preconiza Morin. Há de se considerar que a noção de deslocamento agora é

outra. É possível estar com alguém ou diante de alguma coisa sem estar de fato naquele local, mas estar naquela hora. A acessibilidade também se redesenha, na medida em que se baseia nas inovações ocorridas na esteira do desenvolvimento tecnológico, a exemplo da ampliação da capacidade de memória das máquinas, formatos digitais, banda larga, DVDs, arquivos em MP3 e outras mídias que estão sendo desenvolvidas neste exato momento que você está lendo este texto. A acessibilidade se expressa através de novas formas e novos meios. Muito embora tais inovações estejam relativamente atreladas às possibilidades econômicas dos indivíduos, sabe-se que já é possível o acesso a computadores e/ou à internet em escolas, cibercafés, lan houses, celulares, ou canais de TV a cabo ou TV digital. São acessos um tanto restritos, porque os altos custos ainda rondam o projeto de interconectividade total, mas o poder de acesso do cidadão comum está em vias de se realizar devido a diversas iniciativas públicas e privadas como, por exemplo, o projeto PROInfo do Governo Federal, o projeto do MIT/Negroponte e o computador a US\$ 100, a linha de financiamento acessível, a aquisição de eletroeletrônicos em grandes redes varejistas e a redução de impostos para equipamentos de informática, entre outros.

O advento tecnológico que tem pautado a sociedade desde há algum tempo, em especial a partir do século XIX, quando a idéia de arte reproduzida atingiu seu auge, por exemplo, vem transformando, sobretudo, as relações entre os indivíduos. Desta forma, novos padrões de relacionamentos começam a se evidenciar, dentre eles, a forma como é transmitido o conhecimento dos usos e dos costumes de uma sociedade, neste caso, a educação e as formas de perpetuação dos valores das mesmas. No entanto, o que ocorre, desde então, é a profunda transformação nos métodos de transmissão desses valores, aqui considerados como diferentes conhecimentos, e a velocidade com que são difundidos, justamente pela intervenção tecnológica.

Do século XIX para o início do século XXI muita coisa aconteceu. A sociedade se redesenhou sob o vetor da tecnologia. A velocidade e a quantidade de informação quadruplicaram. O tempo é outro, portanto, o espaço também. Vivenciamos um período de des-locamento ou de des-territorialização. Expressões como compartilhamento, flexibilidade, autonomia, eficácia e instantaneidade são os eixos condutores dessa nova maneira de viver, de conhecer, de olhar e de se ver.

O mundo e a nossa maneira de ver o mundo se tornaram mediatizados. As relações sociais se (re)produziram para acompanhar o novo ritmo. Nossas ações repercutem no tempo e no espaço com a intensidade que queremos, afinal, estamos conectados em redes que se formam em torno

de uma outra lógica. Vivemos sob o espectro de imagens que comunicam e transmitem mensagens. Todos os dias as contemplamos ou as fabricamos. Somos sempre levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las. A imagem indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados da visualidade e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. É preciso compreender ou interpretar o potencial estético dessa nova forma que se apresenta porque, no mundo contemporâneo, ela se tornou invasora e onipresente, parte do todo, do cotidiano de todos nós. Novos desafios cognitivos emergem, portanto uma nova escola e um novo modo de ensinar surgem disso tudo.

Este binômio arte/tecnologia pode servir para a formação/educação dos indivíduos, contribuindo à expansão e, por que não, à construção de novos saberes, para um número cada vez maior de indivíduos que estão à margem desse benefício. Desta forma, teremos arte como conteúdo e tecnologia como suporte.

Diante desses novos paradigmas, é preciso que a escola se redesenhe urgentemente a fim de dar conta desse novo desafio. Vejo que as escolas de formação de professores não estão adequadamente configuradas para esse empreendimento. Os projetos pedagógicos dos cursos de formação de professores e o rol de disciplinas que os compõem raramente contemplam o uso das novas tecnologias no ensino. Assim sendo, penso que o curso de comunicação social tem papel importante no sentido de preparar profissionais capazes de conduzir um processo de ensino e de aprendizagem porque são eles que, no momento, estão mais próximos dessa discussão ou, pelo menos, aprendendo a trabalhar com tecnologia através de disciplinas como produção gráfica, webdesign, multimídia, editoração eletrônica, entre outras da mesma natureza. Os mestres que estão na condução das aulas de formação de professores ainda são de uma “leva” de profissionais despreparados, pois as escolas de formação de professores não souberam traduzir as “novas pedagogias” das décadas de 1980 e 1990. Posso imaginar como estão se sentindo diante da revolução digital e seus usos e aplicações no ensino. Sendo assim, muito ainda se tem a fazer para legitimar o uso das novas ferramentas, como o computador e, quiçá, o desenvolvimento de programas que levem em conta a informação imagética que estrutura a lógica da sociedade contemporânea, muito embora o governo esteja tentando “forçar” esta adesão, o que, em minha opinião, pode ser um desastre, ou quase inócuo, se não for bem aplicado e conduzido adequadamente.

Sabe-se que o Brasil tem apresentado índices baixíssimos na educação e não tem agradado aos financiadores mundiais, como o Banco Mundial e outros agentes fomentadores do desenvolvimento. Os indicadores atuais refletem a baixa qualidade da mão-de-obra presente nas fábricas e, conseqüentemente, traduzem-se em produtos de baixa qualidade e pouco competitivos no mercado mundial. Políticas educacionais democratizantes há muito tempo têm sido perseguidas, ora por conta da demanda civil, ora por conta das forças político-econômicas, que obrigam os governos a se posicionarem diante do problema. E mais, nunca o acesso à informação foi tão amplo e, portanto, a cobrança por ações eficientes e eficazes está cada vez mais escancarada, sendo divulgada pela mídia com grande alcance de audiência via tecnologia! Diante deste quadro, a marginalização ainda tem espaço, visto que, desde os primórdios, o homem enfrenta o progresso e a inovação e, com eles, as mudanças de hábitos e costumes de parte representativa da sociedade. Por exemplo, a revolução industrial de fins do século XVIII que acabou por definir, definitivamente, o desenho da sociedade do século XIX e assim por diante. Já no século XX, em meados da década de 1960, o computador entra para dentro das universidades e daí para dentro dos lares e tudo começa a mudar, mas convém destacar que começa a mudar a partir de uma parcela restrita da sociedade, gerando um contingente de excluídos. Karl Marx costumava defender em seus escritos que a condição da infra-estrutura, formada pela massa trabalhadora, "os motores da história", só mudaria a partir de mudanças profundas na superestrutura, ou seja, a partir de mudanças nas leis, nos costumes e nas instituições formadas pela elite. Aí então teríamos um mundo mais igual (sic).

Este trabalho é marcado por uma trajetória de erros e acertos na busca de promover o ambiente ideal para a formação e as novas formas de expressão junto aos alunos de comunicação social, futuros publicitários e jornalistas, com base em experiências com linguagens e conteúdos plásticos, tendo novas tecnologias como suporte.

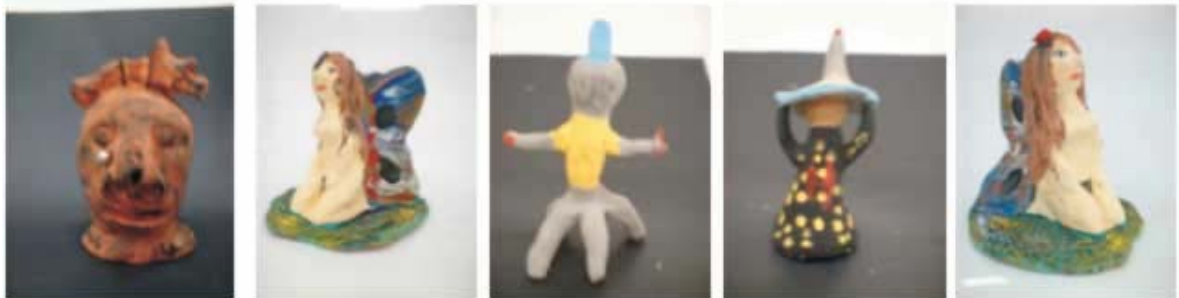
### **O início, o barro**

No ano de 2003, propus aos alunos do 4º semestre do curso de comunicação social, nas habilitações em publicidade e propaganda e jornalismo, que nossa disciplina realizasse um trabalho de experimentação com o barro, tendo a idéia da bricolagem como suporte teórico-metodológico. Durante dois meses (o equivalente a 18 horas/aula) discutimos sobre a concepção de arte e como o homem passou a representar e se manifestar em relação ao mundo em que vivia, tendo o material fornecido pela natureza à sua disposição, como veículo de depositário de sentimentos de alegria e frustração. O barro, elemento usado pelo homem há muito tempo, foi eleito o grande protagonista, afinal, tratava-se de um dos materiais que conseguiu atravessar o

tempo e que ainda continua sendo utilizado como forma de expressão artística, uma vez que é possível notá-lo em quase todas as antigas civilizações. O barro também possui uma forte conotação religiosa pois, segundo esses ensinamentos religiosos, fomos modelados e exercitamos nosso poder de criação no barro. A facilidade de modelar a argila também permitiu a criação de peças artísticas, nas quais os sonhos, angústias e desejos, daquele que trabalha com ela são depositados. As outras 18 horas/aula foram dedicadas à produção das obras.

O resultado disso seria uma obra de arte e, ainda, juntava-se a isso a introdução e intervenção de outros materiais que achassem interessantes (*bricoleur*). Foram dois anos, 2003 e 2004, seguindo esse caminho. Porém, essa proposta demandava um grande esforço operacional para sua realização. Até a disponibilidade de salas adequadas à queima do material produzido pelos alunos tinha que ser feita pelo professor. Lembrando que a instituição não oferecia curso de artes, mas, de comunicação social, portanto, era desprovida de recursos para tal fim. No entanto, foi possível realizar e o objetivo pedagógico ao constatar, através do levantamento de depoimentos orais, que os alunos compreenderam a proposta e se manifestaram de diferentes formas em relação à experiência vivida. Pode-se dizer que o objetivo extrapolou seus limites, principalmente em relação à riqueza de informação pedagógica observada nas formas expressas nas peças que produziram. Para alguns alunos, a atividade representou uma experiência quase catártica que permitiria uma extensa análise quanto ao tipo de interpretação das leituras do cotidiano de cada um, expressos no material que modelavam, como podemos observar na seqüência dos registros da atividade referentes aos anos de 2003 e 2004:







## Imagem e linguagem

Nas experiências que se seguiram, nos anos de 2005 e 2006, a proposta em estética e cultura de massa tomou outro rumo. Muito embora as experiências anteriores fossem positivas, elas não se ajustavam com as condições operacionais disponíveis pela instituição.

O que fazer para manter a idéia de trabalhar a semântica de obras e da configuração plástica de seu sentido? Como discutir as diferentes abordagens poéticas e diversas formas de manifestação e produção cultural do homem, enquanto gestor de signos, ao longo da sua história? Como propor experimentações com diferentes linguagens e instrumentos de produção a fim de despertar a sensibilidade e o sentido de observação dos alunos?

Essas inquietações apontaram para o exercício do olhar sobre as imagens e sobre as novas linguagens geradas pela sociedade contemporânea.

A partir de então, elegi alguns pensadores para fundamentar o ajuste do percurso teórico-metodológico desta ação teórico-prática.

Marc Augè (1998)<sup>1</sup>, por exemplo, defende que a confusão do presente (do dia-a-dia) confunde realidade e imagem, onde a realidade é “ficcionalizada” pelo massacre dos meios de massa, o que nos faz não apenas perder o senso de realidade, mas também nossa habilidade de criar certas ficções que tem sustentado nosso senso coletivo de identidade. Para ele, a ficção se ajusta muito bem à tecnologia porque a tecnologia cria um ambiente aparente de uma segunda natureza. Um paradoxo se apresenta, coexistem a homogeneização e o particularismo, unidades dimensionadas, ampliadas, multiplicadas, reproduzidas pelos meios de comunicação em massa. Surge, então, à nossa frente, um espetáculo que nos é perceptível aos pedaços, através de takes/tomadas, flashes e comentários efêmeros que substituem a realidade, segundo Augè “de identidade que se perde em imagens e reflexos, de uma história que a atualidade submerge e de uma atualidade indefinível” (p. 18). A produção de identidade se dá através do ritual e, para falar de identidade, é preciso falar do outro, então, ainda para este autor “toda atividade ritual tem por finalidade a produção de identidade por meio do desenvolvimento de atividades. A atividade

---

<sup>1</sup> Para Marc Augè, um crítico da modernidade contemporânea, todos os estados mentais são comunicantes, se utilizam de linguagem. Este antropólogo, ao examinar as regras dos sonhos, mito e ficção em tempos de TV por satélite e internet, afirma que no mundo há uma sobrecarga de informação que ameaça colonizar todos nós. Sua concepção sobre a modernidade contemporânea debruça-se sobre um material etnográfico de diversas procedências, embora seja conhecido como um africanista. Colonialismo/alteridade é o ponto focal da sua discussão.

ritual atende a elaboração de identidades relativas e, nesse sentido, o rito é mediador, criador de mediações simbólicas e institucionais” (pp. 19-22). Ele propõe, entre outras colocações, a idéia de “supermoderno”:

O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação nos dá a sensação de que o planeta está encolhendo. E, na medida em que os meios de comunicação substituem as mediações, as referências se individualizam ou singularizam: cada um tem sua cosmologia mas cada um tem também sua solidão. Esse movimento, que propus chamar supermoderno, porque me parecia proceder de um entusiasmo exagerado em relação aos processos constitutivos da modernidade. (Augè, 1998, p. 30)

Nesse ponto, a imagem pode servir para tudo e também pode ser a intermediária de todas as reações extremistas à supermodernidade, segundo este autor.

Dialogamos, também, com pensadores como Massimo Canevacci, Michel Maffesoli, Nicolau Sevcenko e outros.

### **1.3. O conteúdo programático do plano de ensino**

#### **1. Conceito de arte**

Arte e vida social : estética e linguagem

Princípios de uma estética clássica

Princípios de uma estética moderna

A linha do tempo da história da arte

#### **Comunicação**

Definição de comunicação

Comunicação e representação

Comunicação, cultura e identidade

Linguagens e visualidades no mundo contemporâneo

#### **3. Arte, ciência e indústria**

Arte e tecnologia: as artes aplicadas, a indústria se aproxima da arte

Mudanças tecnológicas e a transfiguração do cotidiano

Comunicação e arte: aspectos mercadológicos

### **1.3.1. As produções, os resultados, os depoimentos:**

Os depoimentos referem-se a algumas das produções realizadas pelos alunos nos anos de 2005 e 2006. Todos poderiam relatar sobre os trabalhos que realizaram, mas, no entanto, solicitamos apenas para alguns deles:

#### **Produção: curta de animação**

A realização do trabalho para a disciplina de estética e cultura de massa foi extremamente importante para o aprendizado sobre métodos que envolvem a comunicação em massa, como a animação apresentada. A animação foi baseada na cultura brasileira, em termos de comunicação televisiva e verbal, e no fator desigualdade social, relatada de uma forma humorística, mas que não deixa de ser a realidade vivenciada pelo povo brasileiro. A produção desse trabalho fez com que fossem explorados uma gama de programas para sua elaboração, deixando de lado programas mais utilizados (como o Flash da Adobe). Foi de extrema valia saber que existem métodos alternativos para executar um projeto deste nível.

Contribuiu também a visita feita, nesse período, à exposição Inteligência Artificial, em São Paulo, onde se verificou que existem várias formas de se propagar uma idéia além das que conhecemos, e foi nesse momento que se teve a idéia de buscar formas alternativas para alcançar um objetivo que pode ser alcançado utilizando os meios disponíveis. (Camila Berti, 4º semestre de publicidade e propaganda/2006)

#### **Produção: videoclipe**

“A disciplina estética e cultura de massa possibilitou uma forma diferente de construção de conhecimento, pois ao invés de provas – que muitas vezes nos obrigam a decorar a matéria – realizamos um trabalho teórico sobre os diferentes tipos de linguagem e também fizemos a parte prática, que consistiu na produção do videoclipe. O interessante da disciplina é que ela possibilitou a construção individual do conhecimento do aluno. Ao invés de ficarmos retidos numa programação, pudemos explorar outras vertentes e, com orientação, entendemos os significados dos mais diferentes tipos de linguagem existentes. O espaço aberto para esse tipo de produção experimental foi muito importante, pois possibilitou que usássemos nossa criatividade para a criação de um produto cultural – no nosso caso, o videoclipe. A professora Adriana escolheu um trabalho para ser inscrito no Expocom Sudeste/2007 e fomos aprovados na primeira etapa entre os três melhores trabalhos. Na segunda parte do processo, representando o grupo, expus na Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, como foi realizada a produção do videoclipe

e também respondi perguntas da banca examinadora. Tivemos a felicidade de terem gostado e aprovado o projeto. Agora ele segue para a etapa nacional do Expocom na cidade de Santos. É importante destacar que a única regra que nos foi imposta foi a necessidade de sermos criativos e originais. Isso talvez tenha sido o diferencial do videoclipe.” (Juliano Sussi, 4º semestre de jornalismo/2006/ [www.youtube.com/watch?v=Ra47\\_qTfYwY](http://www.youtube.com/watch?v=Ra47_qTfYwY))

### **Produção: curta de ficção científica**

“Baseado na idéia de que pode ser possível mudar a personalidade de um indivíduo geneticamente, *Persona.1* traz um roteiro recheado de idéias de Nietzsche e Freud, o que o torna um filme tenso do início ao fim. A história trata de um grupo de cientistas que tenta a façanha de criar um ‘super-homem’. Com um elenco formado por novos talentos, *Persona.1* é um filme de ficção científica que questiona valores éticos e morais, despertando em seus espectadores uma nova discussão sobre o futuro da humanidade.” Um pouco sensacionalista, porém interessante, a sinopse acima, do filme/curta metragem *Persona. 1*, tenta mostrar, em poucas palavras, o resultado de um trabalho de aprendizado na disciplina de estética e cultura de massa, ministrada pela professora Adriana, no segundo semestre de 2006. A reunião dos alunos de publicidade e propaganda do Isca Faculdades, Eder Ulrich (diretor/ator), Elias Israel (ator), Daiane Leandro (atriz), Fábio Correa (ator), Flávio Morales (ator) e Victor Athayde (roteirista/ator), integrantes do grupo/agência Sinapse, auxílios relevantes como: edição/sincronização feita por um amigo de classe, Bruno Marques, do grupo/agência 3x4, e empréstimos tanto da câmera quanto do “cenário” para a filmagem, proporcionaram a produção desse projeto.

Além das pessoas envolvidas, temos também a base de tudo isso: o conceito. Constituído pelo desenvolvimento da cultura tecnológica atual, onde tudo pende para um mecanismo digital e (im)perfeito, visto claramente em exposições, organizadas também pela professora Adriana, como o evento apresentado pelo Itaú Cultural, *Emoção Art.ficial*, composto de exposição e simpósio internacionais e o Festival Internacional de Linguagem Eletrônica. Neles visualizamos os “filhos” do “casamento” da indústria da informação com a indústria do entretenimento, tanto na forma artística quanto na crítica. Toda essa (re)evolução somada às influências dos grandes nomes de autores e de filmes do mundo da ficção científica, e à psicofilosofia de Friedrich Nietzsche e à psicanálise conceitual de Sigmund Freud, “deu-se à luz” ao roteiro do curta metragem *Persona.1* que, apesar de simples, carrega consigo uma ótima bagagem de conhecimento para seus idealizadores.” (Victor Athayde, 4º semestre de publicidade e propaganda/2006)

**Produção: videoclipe**

Sobre o vídeo *Salve* que realizamos, só podemos dizer que foi uma experiência maravilhosa que não vamos nos esquecer. Pois fizemos esse vídeo apenas como parte integrante da matéria estética e cultura de massa e nem pensamos em premiação. Foi uma grande surpresa nossa premiação no Expocom de 2005 e na UNB em Brasília. Também consideramos como um grande incentivo para realizarmos trabalhos ainda melhores. (Ana Karina Gonçalves, 4º semestre de publicidade e propaganda/2005)

**Considerações finais**

Seja qual for o caminho a seguir, nenhum deles dispensa a pessoa do professor. Afinal, os meios que hoje existem, muito embora apontem para diversos caminhos, são, sobretudo, colaboradores dos professores e, cada vez mais, extensões do homem, como afirmou McLuhan, ainda na década de 1960.

Não se pode deixar de considerar que o ambiente de ensino está se reconfigurando e isto exige muita atenção daqueles que estão envolvidos nesse processo. É necessária a crítica freqüente sobre os rumos tomados, porque somente a revisão freqüente das ações desempenhadas poderá, de fato, contribuir com o enriquecimento do processo. Observar sistematicamente as formas de aquisição, retenção e transferência da aprendizagem dos alunos deve ser premissa básica de uma proposta voltada ao “monitoramento” das condições do ensino, seja qual for o ambiente. A atenção para a organização das experiências vividas em um ambiente de aprendizagem sempre deverá nortear o planejamento numa situação de ensino. Interagir é fundamental, poder contar com o outro é essencial. Aprender significa ser colocado diante de algum desafio e entender as regras. Eis o grande diferencial do ser humano. A aprendizagem é, portanto, uma aquisição específica, identificável e com as características de permanência no elenco das capacidades do sujeito, afinal aprender significa estar atento às mudanças no entorno. Existem, ainda, condições da validade da aprendizagem, pois é preciso que a aprendizagem seja legítima “porque um processo de aprendizagem não é, em si mesmo, legítimo ou ilegítimo, a legitimação de um processo de aprendizagem é dada pela finalidade que o indivíduo atribui a essa aprendizagem, pelos meios que pretende utilizar e pelo respeito a uma filosofia ética imprescindível”. (Costa Lins, 2000, p.17). Então, é preciso que em um ambiente de ensino-aprendizagem interativo e de experimentação se estabeleça, desde o início, a necessidade premente do uso e do conhecimento das tecnologias atuais para que estas se legitimem, aprimorem as formas de expressão e tornem a comunicação entre os indivíduos mais democrática, afinal a tecnologia está conduzindo cada vez mais nossa vida afetiva e profissional .

As novas tecnologias devem promover o acesso democrático à informação com forma e conteúdo de qualidade, e não apenas para servir de pano de fundo para demonstrações de resultados de superfície. É preciso insistir no preparo de profissionais para o desenvolvimento de conteúdos educativos, com base nas ferramentas, sem deixar de lado o estímulo e sensibilização estética. Futuros profissionais da publicidade e do jornalismo devem receber e exercitar tais conteúdos, pois caberá a eles, num futuro bem próximo, a potencialização de novos saberes para uma nova sociedade que se apresenta. Criar um ambiente de formação profissional voltado ao uso, cada vez mais freqüente, de novos recursos tecnológicos, explorar seus recursos e implementar modos de expressão e comunicação se faz urgente, entretanto, deve ser conduzido de forma que promova o conhecimento com base em experimentações pautadas na provocação do senso estético do indivíduo/aluno. Acreditem, isso é possível.

### **Bibliografia**

- AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos* : exercícios de etnoficção. Campinas: Papyrus, 1998.
- COSTA, Cristina. *Arte: resistências e rupturas*. São Paulo: Moderna, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Questões de Arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético*. São Paulo: Moderna, 1999, pp.11-14.
- CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- GIANNOTTI, J. A. *O jogo do belo e do feio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Unesp, 1997.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996, pp. 338-350.
- ROSENFELD, Denis L. (org). *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- “Uma arte com história”, In: *Arte na Cerâmica*, ano I - nº 1, p. 81. São Bernardo do Campo: Escala Editora, s/d.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

Adriana Pessatte Azzolino\* graduou-se em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, em 1985, e em ciências políticas e sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FSPSP), em 1986. É especialista em história e cultura pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Concluiu mestrado em educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1998, e doutorado em comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

(ECA/USP), em 2005. É avaliadora institucional de cursos de graduação do MEC/INEP. Elaborou projetos pedagógicos para graduação em publicidade e propaganda e jornalismo. Atualmente, orienta trabalhos de conclusão de curso e ministra disciplinas como sociologia, teorias da comunicação e estética e cultura de massa no Instituto Superior de Ciências Aplicadas (Isca), em Limeira/SP. Faz parte do grupo de pesquisa Cibernética Pedagógica da ECA/USP.